

Na questão nº. 82 de *O Livro dos Espíritos*, Kardec formula a seguinte indagação: "Será certo dizer-se que os Espíritos são imateriais?" (...) Imaterial não é bem o termo; incorpóreo seria mais exato, pois deves compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem analogia para vós outros, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos. (...) (07).

Em face do esclarecimento acima, deduz-se que as sensações e percepções dos Espíritos são diferentes, conforme seu grau de evolução e o estado de encarnação ou de desencarnado em que se encontrem.

A - NO PLANO CARNAL

"(...) Há no homem três componentes: 1º., a alma, ou Espírito, princípio inteligente, onde tem sua sede o senso moral; 2º., o corpo, invólucro grosseiro, material, de que ele se revestiu temporariamente, em cumprimento de certos designios providenciais; 3º., o perispírito, envoltório fluídico semimaterial, que serve de ligação entre a alma e o corpo. (...) (01)

"(...) Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito (...) (04). No entanto, as percepções e sensações ficam sensivelmente reduzidas conforme nos esclarecem os Espíritos Superiores.

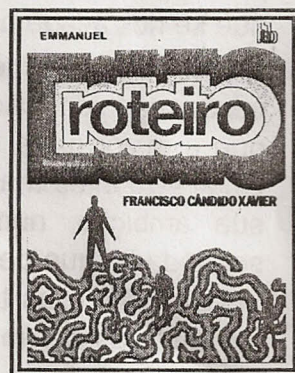
"Isolado na concha milagrosa do corpo, o Espírito está reduzido em suas percepções a limites que se fazem necessários.

A esfera sensorial funciona, para ele, à maneira de câmara abafadora.

Visão, audição, tato, padecem enormes restrições.

O cérebro físico é um gabinete escuro, proporcionando-lhe ensejo de recapitular e reaprender.

Conhecimentos adquiridos e hábitos profundamente arraigados nos séculos aí jazem na forma estática de intuições e tendências. (...) (08)



B - NO PLANO ESPIRITUAL

"(...) Ensina-nos a experiência que, por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que, durante os primeiros minutos depois da desencarnação, o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito. (...) (03).

Este fato leva muitas vezes o Espírito a sentir sensações de dor, frio, calor e, algumas vezes, até os vermes corroerem o seu corpo físico em decomposição. Sabemos que os vermes não lhe roem o perispírito, assim como ele não está sujeito às sensações físicas de frio, calor, dor, etc. Não sendo completa a separação do corpo e do perispírito,

há uma repercussão moral que se reproduz e transmite ao Espírito ocorrências dessa ordem. Inúmeras vezes já não há ligação entre o corpo e o perispírito, pois o primeiro até já se decompôs. No entanto, a lembrança e a sensação do fato ocorrido, aliadas à dor e ao remorso, repercutem por muitos anos, mantendo a impressão de que aquele fato se dá na atualidade.

Por outro lado, os Espíritos com maior grau de evolução tornam-se inacessíveis às sensações que vimos de relatar. Seu perispírito mais leve e as percepções mais apuradas não permitem a repercussão de sensações tipicamente materiais, como nossos sons, odores, etc. Para os Espíritos cujo perispírito ainda é denso, "(...) pode-se dizer que, neles, as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao *sensorium commune*, que é o próprio Espírito, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. (...)" (05)

C - CONCLUSÃO

"(...) Objetarão, talvez: toda esta teoria nada tem de tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não mais sofreríamos e eis nos informais de que ainda sofreremos. Desta ou daquela forma, será sempre sofrimento. Ah! sim, pôde dar-se que continuemos a sofrer, e muito, e por longo tempo, mas também que deixemos de sofrer, até mesmo desde o instante em que se nos acabe a vida corporal.

Os sofrimentos deste mundo independem, algumas vezes, de nós; muito mais vezes, contudo, são devidos à nossa vontade. Remonte cada um à origem deles e verá que a maior parte de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades não deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com sobriedade, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, a muitas tribulações se forraria. O mesmo se dá com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira por que viveu na Terra. Certo já não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles. Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, ou, por outra, quanto mais desmaterializado se achar, menos dolorosas sensações experimentará. Ora, está nas suas mãos libertar-se de tal influência desde a vida atual. Ele tem o livre-arbítrio, tem, por conseguinte, a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrindo bons sentimentos; pratique o bem; não ligue às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais lhe sofrerá a influência. (...)" (06)

